



**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**SILVÂNIA DIAS MORAIS**

**A HISTÓRIA DENTRO DAS NARRATIVAS DE JOSÉ LINS DO RÊGO:  
UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR ENTRE HISTÓRIA E  
LITERATURA**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

**SILVÂNIA DIAS MORAIS**

**A HISTÓRIA DENTRO DAS NARRATIVAS DE JOSÉ LINS DO RÊGO:  
UMA PERSPECTIVA INTERDICCIPLINAR ENTRE HISTÓRIA E  
LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Me. José do Egito Negreiros Pereira

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S827h Morais, Sylvania Dias.

A história dentro das narrativas de José Lins do Rêgo [manuscrito] : uma perspectiva interdisciplinar entre história e literatura / Sylvania Dias Morais. - 2014.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira, Departamento de História".

1. História. 2. Literatura. 3. Ensino. I. Título.

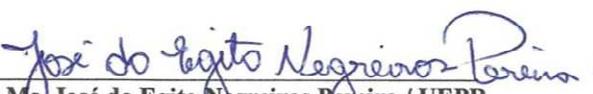
21. ed. CDD 900

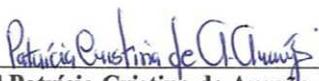
SILVÂNIA DIAS MORAIS

**A HISTÓRIA DENTRO DAS NARRATIVAS DE JOSÉ LINS DO RÊGO:  
UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR ENTRE HISTÓRIA E  
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação de  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciado em  
História.

Aprovada em 30 / 04 /2014.

  
Prof. Ms. José do Egito Negreiros Pereira / UEPB  
Orientador

  
Prof. Dr.ª Patrícia Cristina de Aragão / UEPB  
Examinadora

  
Prof. Dr.ª Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB  
Examinadora

## RESUMO

A presente monografia é uma singela contribuição para o ensino da História, auxiliado pelo uso das obras literárias de José Lins do Rego. Obras estas que retratam o período do ciclo açucareiro no Nordeste e suas nuances políticas, sociais e econômicas, que observadas pelo enredo literário nos proporcionam de forma envolvente um contato com esse período histórico. Nossa fundamentação teórica teve como base as contribuições de Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre, Antonio Cândido, Adhemar Marques, Flávio Berutti, entre outros estudiosos, que nos auxiliaram na escrita da presente temática. A literatura nos atrai, porque trata justamente de todas as questões que se relacionam com o humano, nossas dores, temores, esperanças e decepções e nos permite viver através das histórias que conta ainda com prazo estabelecido, pois, termina na última página a dor, o drama e a alegria do personagem, que poderia ser nossa. Ao propor o uso de obras literárias para auxiliar o ensino de História, estamos fazendo uma tentativa de aproximar nosso aluno de uma História que parece distante e que não lhe diz muita coisa, pois aprenderão que ela é feita por grandes homens, no entanto, com a Literatura tem a oportunidade de compreender que antes de ser dos grandes heróis e dos fatos marcantes, ela começou a ser escrita a partir do desenrolar dos dramas típicos do nosso gênero.

**Palavras Chave:** História, Literatura e Ensino.

## **ABSTRACT**

This monograph is a simple contribution to the teaching of history, aided by the use of literary works of José Lins do Rego. These works that depict the period of the sugar cycle in the Northeast and its political, social and economic nuances that observed by literary engaging storyline provide us with a contact form this historical period. The literature draws us, deals precisely because of all the issues that relate to the human, our sorrows, fears, hopes and disappointments, and enables us to live through the stories that still has that time bound, therefore, ends on the last page the pain the drama and the joy of character that could be ours. In proposing the use of literary works to assist the teaching of history, we are making an attempt to bring our students a history that seems remote and that does not tell you much, because they learn that it is made by great men, however, with Literature has the opportunity to understand that before the great heroes and milestones, she began to be written from the unfolding dramas typical of our genus.

**Keywords:** History, Literature and Education.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, criador e sustentador do universo, que me presentando com a inquietação constante dos que sempre buscam aprender algo novo, tornou possível a realização do sonho de ontem e da realidade de hoje.

Ao querido professor José do Egito, que de forma tão gentil e paciente me orientou no desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

À Tia Gilene (Tia Sinhá), que desde a infância do seu jeito sempre me incentivou a buscar realizações nos sonhos.

Ao amigo, parceiro, queridíssimo, amante amado, Paulo Moreira pelo apoio incondicional que me deu desde que entrou em minha vida, trazendo alegria e ânimo quando as batalhas se tornaram difíceis e, sobretudo, o meu eterno agradecimento por sempre ter acreditado na minha vitória.

À querida irmã e amiga, Leiana Souza, a irmã que nasceu de outra barriga e mora em outra casa, e que sempre esteve presente na minha vida contagiando com sua enorme capacidade de acreditar nas melhores possibilidades que a vida oferece.

## **DEDICATÓRIA**

A todas as pessoas que contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>CAPITULO I - O MAR VERDE QUE GERAVA A RIQUEZA BRANCA: O CICLO AÇUCAREIRO NO NORDESTE.....</b>	<b>09</b>
1.1 – Economia e ocupação territorial: plantar para ocupar .....	09
1.2 – Os diversos fins da esquecida mata .....	10
1.3 – No espaço do engenho a representação da divisão social .....	11
<b>CAPÍTULO II - FOGO MORTO: UMA BREVE ANÁLISE DO MUNDO DO ENGENHO.....</b>	<b>17</b>
2.1- Nascimento e Morte do Engenho Santa Fé .....	17
2.2 – Na fineza das letras o início da decadência .....	19
<b>CAPITULO III - O MUNDO AÇUCAREIRO NA PERSPECTIVA LITERÁRIA .....</b>	<b>24</b>
3.1 – Na escrita literária as entrelinhas de nossa história .....	24
3.2 – Razão e emoção: componentes de aprendizagem.....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

A presente monografia busca dá uma singela contribuição a academia e os colegas professores, trazendo como objeto de sua pesquisa a perspectiva do uso da Literatura nas aulas de História dentro de uma proposta interdisciplinar que visa atrair, o interesse do aluno para o conteúdo ensinado através da identificação e proximidade com os personagens; que através de seus dramas nos levaram a entender o período estudado com a suavidade com que nos seduz e ao mesmo tempo instrui a Literatura.

O saber dos livros didáticos, traz quase sempre o status de uma verdade absoluta, porém, distante e talvez por isso desinteressante, não temos com ela identificação, no entanto, a conjuntura do sistema educacional nos impele a saber das verdades que foram sendo construídas e solidificadas ao longo do tempo. Felizmente o mesmo sistema que constrói verdades e conhecimento histórico, com o respaldo científico, também oferece alternativas para se chegar a esse conhecimento por um caminho diferente, e aqui que entra o uso da Literatura em sala de aula.

O recorte temporal utilizado nesta pesquisa é o ciclo açucareiro no Nordeste, trabalhado a partir das obras literária de José Lins do Rego, que tem uma vasta obra que perfeitamente serve a esse fim porém, utilizaremos para embasar o estudo dessa pesquisa o romance Fogo Morto, por trazer suas páginas temas relacionados a sociedade que compunha a época do ciclo açucareiro, a exemplo, dos papéis masculinos e femininos, a religiosidade, as relações políticas e de poder geradas pelo patriarcalismo.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos que receberam os seguintes títulos: O mar verde que gerava a riqueza branca, Fogo Morto: uma breve análise do mundo do engenho e o mundo açucareiro na perspectiva literário. No primeiro capítulo, foi trabalhada a formação e consolidação do ciclo açucareiro no Nordeste, com suas pequenas, porém, significativas nuances: a escolha do solo, a forma como era limpo o terreno onde se plantava a cana, e consequentemente o efeito que isso produzia na natureza local, a importância do escravo e do trabalhador livre, os costumes que diferenciavam a aristocracia da sociedade açucareira.

No capítulo dois: uma breve análise do mundo do engenho, fizemos um passeio pelo engenho Santa Fé, que no romance Fogo Morto é o palco onde se passam as cenas que nos ajudarão a compreender alguns aspectos daquela sociedade que foi gerada na sombra a fartura canavieira e que nos dá um panorama sobre como estava organizada a sociedade da época, como se tratava as mulheres, a importância do casamento, o valor que tinha a educação formal, questões de sucessão e administração dos bens adquiridos.

Por fim no capítulo três onde abordamos o mundo açucareiro na perspectiva literária, o objetivo é trabalhar a interdisciplinaridade, entre História e Literatura, o incentivo a leitura, e o papel do professor como mediador dessas duas ciências, de modo que não seja o uso da obra literária uma maneira de consumir o tempo destinado ao aprendizado de forma improdutivo. No que diz respeito a nossa metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica e análise do romance que dá embasamento teórico a essa pesquisa. Portanto, ao trabalhar um tema regional que pela sua importância no contexto da história econômica nacional e utilizando um autor regional, estamos buscando uma identificação que leva ao interesse e por consequência ao aprendizado.

## CAPITULO I

### O MAR VERDE QUE GERAVA A RIQUEZA BRANCA: O CICLO AÇUCAREIRO NO NORDESTE

A agricultura é o nervo econômico da civilização com ela se inicia - se excluimos o insignificante ciclo do extrativismo do Pau-Brasil – e a ela deve a melhor porção de sua riqueza. Numa palavra, é na agricultura que assentou a ocupação e exploração da melhor parte do território brasileiro (Prado Junior,2008. P-128).

#### **1.1- Economia e ocupação territorial: plantar para ocupar**

A necessidade de ocupar para defender-se de invasões e ao mesmo tempo iniciar uma atividade que desse lucro, fizeram da agricultura a opção adequada a urgência do momento na colonização lusitana do Brasil. Soma-se a isso, a experiência portuguesa com a cultura canavieira, a vasta extensão de terras , o clima , o solo e termos reunidos todos os elementos que configuram nosso primeiro grande ciclo econômico: a cana - de – açúcar, que espalhou-se pelas as terras do Brasil, mas teve no solo massapé do nordeste seu apogeu, seria a grande responsável pela formação da sociedade açucareira que tinha seu núcleo no engenho, o pequeno mundo que girava em torno da cultura canavieira.

A grande extensão territorial do Brasil foi um dos primeiros problemas que o governo português encontrou para ocupar e defender-se das invasões. Toda essa grande extensão territorial foi dividida em quinze grandes lotes de terras chamadas capitânicas hereditárias distribuídas entre pessoas de confiança do rei, que deveriam com recursos próprios tomar posse e fazer produzir as terras recebidas. Considerando a extensão, os custos da viagem e os investimentos necessários principalmente em escravos, tornou inviável aos donatários vierem tomar posse de suas terras.

Citados como casos de sucessos, as capitânicas de São Vicente e Pernambuco prosperam muito, devido ao solo, clima e principalmente ao dinheiro investido, tornando-se referência da lavoura canavieira no Brasil. Na escolha do produto pesou a experiência portuguesa na produção e distribuição na Europa. Tido como especiaria, o açúcar era produto raro e de pouco acesso, devido ao preço tinha as qualidades necessárias para ser o produto de exportação da colônia brasileira.

Nossa economia era monocultora, escravista e voltada para o mercado externo. A cana – de – açúcar expandia-se no nosso litoral, crescendo forte no solo fértil de massapé gerando

riquezas que seguiam em navios para a Europa e no Nordeste se desenvolvia junto com a cultura canavieira o embrião da sociedade que nasceria junto com a cana e no mundo do engenho se moldaria a realidade local e tentara se assemelhar a aristocracia européia- seu ideal de civilização.

A devastação da mata em larga escala ia semeando desertos estéris atrás do colonizador, sempre em busca de solos frescos que não exigissem maior esforço de sua parte. Graças somente a excepcional e providencial fertilidade dos massapés baianos e pernambucanos, é que foi possível manter ai durante tanto tempo a cultura da cana (PRADO JUNIOR, 2008, p. 134).

## **1.2- Os diversos fins da esquecida mata**

Não resta dúvida que o solo de massapé foi fator decisivo para o sucesso da cultura canavieira, também não pode-se negar o fato de que essa cultura, mesmo no fértil solo de massapé, envolvia um agressivo processo de devastação da vegetação típica da região, chegando a extinguir determinadas espécies locais. O colonizador não tinha apego as árvores nem respeito, sua utilidade era meramente servir e para alimentar as fornalhas no preparo do açúcar.

Todo engenho para ser bem sucedido, deveria contar com muitos escravos, alguns animais úteis no engenho de trapiche e uma mata que deveria servir de reserva de lenha, uma vez que no tempo da colheita em média usava-se de doze a dezesseis carros de lenha.

Muitos senhores não sabiam sequer dizer o nome das árvores que tinham em sua propriedade, todas até mesmo a considerada madeira nobre tinha o mesmo fim: alimentar a fornalha. E assim o engenho contribuiu significativamente para devastação de nossas matas, que primeiro foram devastadas com a exploração do Pau Brasil, depois derrubada para o plantio da cana no solo fértil e por último servir como lenha.

Sabe-se o que era a mata do nordeste antes da monocultura da cana: um arvoredo. “Tanto e tamanho e tão vasto e tantas plumagens que não podia o homem dá conta” O canavial desvirginou todo esse mato grosso do modo mais cru: pela queimada. (FREYRE, 2004, p. 79).

A variedade de fauna e da flora do Nordeste e sua perfeita dependência começa a desequilibrar-se com o surgimento da cultura canavieira. Se os engenhos nascidos no

massapé, tinham na mata, sua reserva natural de lenha é fato que houve transformações nas relações de equilíbrio entre plantas e bichos.

O mesmo não sendo considerado pela história, elemento integrante do mundo do engenho, a mata que o servia tinha extrema importância: um engenho que não tinha sua própria mata, tinha que buscar lenha em outro engenho, pagando ao dono deste pelos carros de lenha retirados e ocupando os escravos nessa tarefa, quando deveriam estar trabalhando na produção. Em tempo de novo plantio, uma forma rápida de preparar a terra era a queimada ou coivara hábito aprendido com os índios e mantido pelos escravos africanos, que contribuiu para o empobrecimento do solo por repetidas vezes, que esse processo repetia nos engenhos. Não foi a introdução da cana que desequilibrou a vegetação nordestina foi a ganância do homem. O amor pelas plantas encontradas na mata tinha o escravo, que muitas vezes ia buscar nela o remédio para suas dores, ele sabia seu nome e sua utilidade e assim como o índio via seu convívio com a natureza, como uma relação de equilíbrio e dependência, por isso, a necessidade do respeito a ela.

A cana de açúcar começou a ser cultivada igualmente em São Vicente e em Pernambuco, estendendo-se depois a Bahia e o Maranhão a sua cultura, que onde logrou êxito medíocre como em São Vicente ou máximo, no recôncavo e no Maranhão trouxe em consequência uma sociedade e um gênero de vida de tendências mais ou menos aristocráticas e escravocratas. Por conseguinte de interesses econômicos semelhantes. (FREYRE, 2006, p.104)

### **1.3- No espaço do engenho a representação da divisão social**

A estrutura econômica, cuja base era monocultura voltada à exportação determinou uma estrutura social em moldes semelhantes. Nos engenhos o senhor era dono de tudo: terras, negros e de certa forma até mesmo dos familiares e agregados que em troca de proteção do senhor, deviam obediência cega, presos numa relação de desigualdades que assemelham trabalhadores livres a escravos. Em um mundo, onde a terra determinava a importância e servia como medida de valor de um homem traçaram-se estreitas e estranhas relações de convívio com a terra. Nessa relação de dependência dos trabalhadores livres, vivendo nas terras do senhor sob sua proteção deixa-os expostos a todo tipo de abuso até mesmo castigo físico.

Na sociedade que cresceu e se desenvolveu junto com a cultura canavieira a diferença entre as classes foi bem definida desde o início. A própria divisão do engenho se encarregava

disto, o lugar do senhor, do escravo, do trabalhador livre que embora fosse considerado livre tinha muitas vezes vida tão miserável quanto a do escravo.

Para a aristocracia a terra significava o símbolo do status social, o elo comum que ligava a seus iguais, despertando muitas vezes não sentimento solidário, mas compromisso de ajudas entre iguais. Para o trabalhador livre que vivia ali por gerações o sentimento em relação à terra que de fato não era sua, era o sentimento de pertencimento, pois ali estava sua vida, suas memórias. Um desentendimento com o dono da terra significava deixar tudo para trás e buscar um novo lugar para recomeçar. Muitas vezes a obediência cega e a submissão aos abusos era a forma que ele encontrava de preservar sua história.

O coronel Lula passa por aqui, me tira o chapéu como um favor, nunca parou para saber como vou passando. Tem o seu orgulho. Eu tenho o meu. Moro em terras dele, não lhe pago foro, porque aqui morou meu Pai, no tempo de seu sogro. Fui menino por aqui. Para que tanto orgulho? (REGO, 2000, p.61).

A figura do mestre Amaro, do romance Fogo Morto, representa bem, essa classe de homens livres que tinham esse apego com a terra onde morava. O Pai do Mestre vive ali, no mesmo tipo de relação que o mestre. O drama da personagem começa quando se desentende com o Coronel Lula, dono da terra, que se sente ofendido no seu direito de senhor, quando o mestre Amaro se recusa a cumprir sua ordem de abandonar as terras. Isso de certa forma representa mais que uma afronta, é uma quebra de regras bem estabelecidas de um mundo onde a terra era sinônimo de poder.

A organização da lavoura canavieira mais ou menos idêntica, nos seus traços gerais, em todo país, tem o elemento central o engenho; designação que da fábrica propriamente, isto é as instalações para a manipulação da cana e preparo do açúcar se estendeu a toda propriedade, com suas terras e culturas (PRADO JUNIOR, 2008 p .143).

O modelo de organização espacial de engenho, não diferenciou nas diversas partes do Brasil onde foram instaladas, de pequeno, médio ou grande porte a organização era a mesma: casa grande que era a residência do senhor e sede administrativa do engenho, a senzala local onde dormiam os escravos, uma caldeira, casa de purgar um espaço reservado a policultura de subsistência e outro reservado, a mata. Esse muito importante, pois era de La que vinha a lenha usada nas caldeiras. A pecuária seguia como atividade secundária, o trabalho animal

para mover os moinhos e transportar a produção e complementar a alimentação com seu leite e carne era outro elemento importante na composição dos engenhos uma vez que depois dos escravos os bois eram o que tinha de mais valor nos engenhos.

Durante o período decisivo da formação brasileira, a História do Brasil foi a história do açúcar; e no Brasil a história do açúcar, onde atingiu maior importância econômica e maior interesse humano foi nessas manchas da terra de massapé, de barro, de argila, de húmus. Nessas manchas de solo encarnado ou preto se lançaram os alicerces dos melhores engenhos (FREIRE, 2004 , p.49).

A nossa história, principalmente, a econômica, devido a sua importância se confunde com a história do açúcar que foi nosso primeiro produto de exportação. Nenhuma história local (nacional) é descontextualizada da História mundial, por isso que o estudo do ciclo açucareiro no Nordeste não deve ser entendido como o grande marco econômico da nossa história, o primeiro ponto que deve ser levado em consideração é o pacto colonial, que entre outras coisas determinava o tipo de produto que a colônia deveria produzir o açúcar, que era muito apreciado na Europa, chegando a ser considerado especiaria reunia as características necessárias para tornar-se o produto na monocultura escravocrata e exportadora.

Fundamentado no tripé monocultura, latifúndio e trabalho escravo o ciclo açucareiro no Nordeste muitas vezes nos foi relatado/ ensinado meramente sob a perspectiva econômica. Aliada a informação do tripé de sustentação também aprendemos que solo e clima eram favoráveis e a mistura desses elementos: solo, clima, trabalho escravo, latifúndio e monocultura formaram quase de forma mágica um dos capítulos mais importantes de nossa história econômica.

A vertente econômica e de vital importância afinal o fio condutor do ciclo açucareiro, porém, um mundo se formou a partir desse fio: um mundo de figuras que desempenhando de forma coordenada seu papel formavam a sociedade que refletiu, o modo de conceber o mundo. Para adentrar nesse mundo, de sinhazinhas delicadas, de coronéis que mandavam em tudo e em todos, de senhoras que incansavelmente cumpriam seu papel de mulher, gerando um filho por ano, de escravo que se dividiam entre a crença imposta e o apego a suas raízes, e preciso fazer exercício de imaginação e saber ler as entrelinhas para entender o mar verde que gerava a riqueza branca.

O trabalho é todo escravo; assalariado, há – o em pequeno número e para funções especializadas ou direção – mestres purgadores, caixeiros (são os que fazem as

caixas) etc, aliás comumente , antigos escravos libertos (PRADO JUNIOR, 2008 p. 145)

No cotidiano do Nordeste açucareiro, o braço escravo movimentava o engenho, o que para o senhor era grande vantagem, o negócio rentável exigia alto investimento de início, porém quando chega o lucro torna-se o investimento dos sonhos. O engenho muitas vezes parece um pequeno mundo que independe do que está fora dele. Os poucos trabalhadores assalariados que nele moram são os auxiliares do senhor do engenho, e demonstram habilidades que não são fáceis de encontrar. Nos chama atenção o fato de que muitos desses trabalhadores fossem escravos libertos, porque aprendemos que o trabalho do escravo resumia-se a terra; plantar, cuidar, colher. Se considerarmos que os escravos vinham de diversas partes da África e que lá as atividades que se dedicavam eram diversas e que seu conhecimento ia além do cultivo da terra, conhecimentos de fundição, carpintaria, pecuária diferenciavam alguns escravos que sendo possuidores de tais conhecimentos chegavam a ganhar a liberdade, e se igualavam aos brancos assalariados que tinham semelhante habilidade.

O engenho era o mundo da riqueza branca do açúcar, era o reino do senhor que rodeado de muitos escravos e alguns trabalhadores livres determinava como lei sua vontade. A lei naquele mundo patriarcal determinava os rumos da vida, da família deveria encaminhar a todos, família, agregados, trabalhadores livres todos vivendo sob sua proteção e sujeitos a sua ordem. Os trabalhadores livres apesar de receber pelo seu serviço estavam ligados ao senhor pelo convívio de anos de trabalho, moravam nas terras do engenho, cultivam quando lhe era permitido.

Tinham com a terra do engenho, ligação afetiva, construída por anos: muitas vezes as habilidades que garantiam destaque naquele mundo do açúcar eram ensinadas de pai para filho, a mudança ocorria apenas no mando quando senhor novo assumia o lugar do pai.

O negro tornou-se parte do grande complexo brasileiro de cana – de açúcar. A civilização do açúcar não se teria feito sem ele diga-se mais uma vez. Liga-se sempre (FREYRE, 2004 p. 49).

A civilização do açúcar se deu em cima da força do trabalho escravo. É impossível imaginar o funcionamento do engenho sem o trabalho do negro, aliás, igualmente difícil

imaginar a vida doméstica sem ele. O trabalho escravo não era somente utilizado em todo o processo que, envolvia a fabricação do açúcar, mas interagiu no convívio doméstico.

Na casa grande, os filhos do senhor eram alimentados e cuidados pelas escravas, a senhora tinha muitas vezes por confidente a escrava que lhe servia de mucama desde a infância, que lhe cuidava da casa e dos filhos.

No mundo doce da bagaceira, o filho do escravo brincava e servia de brinquedo ao filho do senhor, a experiência dos negros com ervas e preparo de unguentos muitas vezes salvava a vida dos senhores, e naquele espaço definido do engenho a vida desenrolava-se sob o comando de senhores donos de engenho e de certa forma dono também de gente, já que naquela sociedade patriarcal o elemento masculino tomava para si a responsabilidade de administrar e usufruir da riqueza gerada a partir do trabalho escravo, sem o qual a sociedade açucareira, não teria se desenvolvido fortemente nas sombras dos canaviais regados com o suor do trabalho escravo.

As terras de massapé foram no Brasil, as terras por excelência das boas maneiras e dos gestos suaves, onde através do século XIX os homens cresceram mamando em negras gordas, mulheres de uma grande doçura e tomando chá desde muito pequenos (FREYRE, 2004, p. 53).

A imagem do Nordeste rico, dos canaviais da vida calma e tranquila regada aos benefícios proporcionados pelo açúcar tem sua base no solo de massapé. A própria sociedade surgida a partir do desenvolvimento da monocultura açucareira vai assemelhar-se com as características do solo. A boa vida da aristocracia açucareira nordestina e como o generoso e rico solo onde se gerou.

Os homens do solo de massapé, e entenda-se por isto os aristocratas traziam em seu temperamento algo que se associava a maciez daquele solo. Diferentemente da sociedade sertaneja que defendiam alguns visitantes em, seus relatos que os homens daqui assimilavam em seu modo de ser as características do local onde viviam, sendo assim sertanejos eram por natureza criaturas duras, e os brejeiros, molengas suaves com o massapé.

A sociedade açucareira, principalmente a Pernambucana tinha características que buscavam imitar a aristocracia europeia considerada referência de elegância e intelectualidade. Os barões das terras de massapé tiveram tempo e dinheiro para aprender e praticar o refinamento exigido a classe social. Observamos então um costume que copiado dos ingleses era sinal de elevada posição social. O hábito de tomar chá.

O chá adoçado com o açúcar branco, servido em louça fina acompanhado dos mais finos quitutes como bolos, que tinham receita tão secreta que chegava a ser considerado patrimônio da família, muito mais que o ato de degustar era um pretexto para reuniões sociais principalmente entre as mulheres.

O chá acompanhou o açúcar branco, guardado em porcelana da Índia ou de Macau, nos guardas – louças das casas grandes e dos sobrados de azulejos. Seu predomínio marca maior influência, a princípio asiático, depois europeia, e principalmente, inglesa, nas terras mais vantajosamente especializada na cultura da cana (FREYRE, 2004 p.53).

A presença de ingleses nos engenhos mais nobres e em hospitais, capelas, cemitério e ocupando cargos de confiança com juiz e exercendo profissões liberais com médicos e professores deu aquela sociedade à certeza de que o refinamento e a arrogância da classe aristocrática eram corretamente aprendidos, o modo de vestir, falar, o tipo de diversão e até mesmo livros, começa a fazer parte do universo da sociedade açucareira do massapé. O próprio hábito do chá visto com símbolo de status social só tinha essa conotação dentro daquele contexto social. Para o sertanejo tem significado completamente diferente, e a forma de curar suas doenças, sendo indicado por curandeiros, geralmente de gosto amargo, que quando adoçado é feito com rapadura não com açúcar branco. A cana – de – açúcar foi a matriz que gerou uma sociedade, que cheia de regras de conduta tinha na ostentação do seu “refinamento” a prova de seu aprimoramento, ou quase imitação perfeita daquilo que consideravam o exemplo da sociedade civilizada. Seja imitando costumes franceses, ingleses ou até mesmo a corte portuguesa os signos dessa evolução nos passam despercebidos nas páginas de livros didáticos ou romances: a sinhazinha que tocava piano e falava francês, os primogênitos que voltavam dos estudos doutores bacharéis, o coronel que do alpendre da casa grande contemplava sua vasta extensão de terra. Todas essas imagens, em algum momento nos farão associar o mar verde gerando de forma fértil a riqueza branca.

## **CAPÍTULO II**

### **FOGO MORTO: UMA BREVE ANÁLISE DO MUNDO DO ENGENHO**

O romance Fogo Morto, de autoria de José Lins do Rego, é considerado a obra prima do autor.

Tendo como pano de fundo o mundo do engenho, ou melhor dizendo, o mundo decadente do engenho nos mostra através de uma narrativa simples e concisa as mudanças que estão ocorrendo naquele mundo rural, patriarcal e decadente que vê nas pequenas mudanças sociais que aparentemente, não tem importância, como a desobediência de um morador as ordens do senhor de engenho, ou um suposto louco que remete a imagem de Dom Quixote, fissuras na sua estrutura social que parecia sólido e começa a ruir. Dividido em três capítulos que são intituladas com o nome dos três personagens principais. O mestre José Amaro, o engenho de seu Lula e o Capital Vitorino, o romance oferece através de sua narrativa a oportunidade do leitor se deparar com situações descritas que muito ajudariam a compreender a sociedade da época, como por exemplo, o papel das mulheres, o modo como se educavam os filhos das famílias de posse, a importância do tamanho do engenho e a quantidade de negros, que refletiam o poder e influência dos senhores de engenho para apolítica local.

#### **2.1- Nascimento e Morte do Engenho Santa Fé**

Apesar do Nordeste canavieiro de José Lins do Rego ser bucólico, verde, bonito, com terra boa, generosa e o fértil que faz brotar do solo de massapê os verdes partidos de cana, o romance Fogo Morto é triste, cheio de dor, perdas e angústia. As personagens vivenciam e testemunha através de suas histórias de vida, a morte de um mundo que conheciam bem e aos poucos eles veem ruir-se. Fogo Morto, é uma expressão usada para designar um engenho que não moe mais, seja pela perda da safra ou de recursos como dinheiro para comprar animais e negros para o trabalho. No segundo capítulo, o engenho do Coronel Lula, vimos o nascimento e a morte lenta do engenho Santa Fé de propriedade do Coronel Tomás Cabral de Melo. A história do Santa Fé confundi-se com a história da família, apogeu e decadência do ciclo açucareiro.

O capitão Tomás Cabral de Melo chegara do Ingá do Bacamarte para a Várzea do Paraíba, antes da Revolução de 1848, trazendo muito gado, escravos, família e aderentes. Fora ele quem fizera o Santa Fé. [...] Tinha filhos e pensava dar ao seu

povo uma criação melhor. E assim liquidara a herança na partilha e chegara ao Pilar, para ser senhor de engenho. Trazia haveres, as suas moedas de ouro, um gado de primeira ordem, e mais do que tudo uma vontade desesperada para o trabalho. Alguns de seus irmãos tinham – se casado com gente de Pernambuco. Ele preferia uma prima, mulher de muito bom pensar, que só vivia para casa, para os filhos, para a criação, para os negros. (REGO, 2008,p. 211 – 212).

A abertura do capítulo dois da obra, intitulado o engenho do coronel Lula, começa narrando a história do capitão Tomás, que chegando ao Pilar e trazendo recursos para fundar e manter um engenho empenha-se com afinco a esta tarefa. O Santa Fé, se comparado a outros engenhos vizinhos era pequeno, mas sua produção nada devia a outros maiores em extensão. O capitão Tomás era homem dedicado ao trabalho, duro no trato com os negros e avesso ao convívio social, não costumava dar festas e ostentar a riqueza com era comum a sociedade da época. Dona Mariquinha também em muito difere do perfil de sinhá que conhecemos. Também dentro das ocupações que cabiam as mulheres, dona Mariquinha era uma criatura voltada ao trabalho, fazia roupas, cozinhava para os negros e escandalizava a vizinhança com esse comportamento. No entanto, o capitão Tomás tem uma atitude que difere do modo de pensar dos pais da época. Tendo somente filhas, manda-as estudar no Recife, almeja as filhas uma educação esmerada. Que as diferencie das outras moças da região, que mesmo sendo de famílias com posses superiores as suas, muitas não sabiam assinar o próprio nome. E a filha Amélia que estudou no Recife, quando volta ao engenho transforma-se no orgulho do Pai.

A filha voltara dos estudos, uma moça prendada, assombrando as outras com seus dotes. O Capitão Tomás comprou piano n Recife. Fora uma festa quando passara, pelas estradas o grande piano de cauda do capitão Tomás. Nunca o povo vira aquilo (REGO 2008, p 224 – 225)

A educação para as mulheres, naquele mundo patriarcal ainda era considerada uma questão delicada e muitas vezes negligenciada. Ficavam em escolas específicas para moças geralmente comandadas por freiras e estudavam as poucas privilegiadas, quando a família julgava que uma moça educada era mais um ponto que destacava sua classe social.

A educação que basicamente era aprender a ler e escrever era complementada por lições de piano, e francês, etiqueta, saber receber bem, fazer sala, cuidar de uma casa e saber fazer muitos trabalhos manuais constituam o currículo dos internatos onde estudavam as moças bem educadas da época. Criadas para o lar, mesmo as moças de famílias ricas tinham

esse direito negado. Aos filhos sim, era incentivado o estudo, geralmente carreiras que representavam seu status social como: direito e medicina. Embora muitos não exercessem, muitos estudavam e depois de formados voltavam para cuidar da fazenda. Era o anel no dedo, o título de doutor, o saber acadêmico que encantava a gente simples da região e a própria família que orgulhava-se de seus doutores. Doutores esses que mais tarde casariam com as moças educadas em internato que tocavam piano, ou mesmo com as que não sabiam assinar seu nome, mas que sendo de famílias ricas cumpriam a determinação do pai, casar-se com alguém do mesmo nível social, geralmente uma união de terra e fortunas.

O capitão Tomás não deixou que a filha fosse morar fora de sua casa. O engenho era pequeno, mas dava para todos. Mariquinha ficara radiante com as vontades do marido. E assim o genro estaria ao lado de todos como filho. Os primeiros meses do casal foram como de todos os outros. A princípio o capitão estranhou o jeito caladão do primo. Ficava o rapaz naquela rede do alpendre horas inteiras, lendo jornais velhos, virando folhas de livros. Não era capaz de pegar um cavalo e sair de campo afora para ver um partido. (REGO 2008, p. 224 – 225).

## **2.2- Na fineza das letras o início da decadência**

A necessidade do agir firme no comando , seja da família ou nas terras do seu engenho, fazendo-se respeitar e temer quer por negros, arrendatários ou até mesmo familiar é um traço marcante desse sistema patriarcal, o nome, o prestígio de um sobrenome, o amor pela terra tudo isso percebemos no romance. O primo Lula, não tem esse apego, vive isolado, como elemento estranho a paisagem do engenho, o que gera no capitão Tomás imensa preocupação. Naquele mundo colonial e patriarcal a escolha do marido para uma filha leva em conta qualidades como: capacidade de mando, prestígio social e político e habilidade de conservar e ampliar o patrimônio familiar. No caso dos personagens de fogo Morto, por não ter herdeiros do sexo masculino, o coronel ao casar a filha, tem na figura do genro o administrador da fortuna arduamente adquirida. Sua preocupação se justifica à medida que percebe que o genro, não tem assim como ele o empenho do trabalho, o orgulho de possuir terras, sabe-las fértil com seu solo de massapê e faze-las produzir. Era ao genro que caberia essa função, e a partir desse momento que começa a derrocada no engenho Santa Fé, as coisas estão mudando, a política, a sociedade, e o Santa Fé não acompanha essa mudança. Os conflitos da família principiam quase sempre do genro: não gosta do trabalho na terra, exige

da sogra sua herança e a afasta da neta, maltrata sem necessidade os escravos. Seu orgulho ao sair para passear em seu carro com a família e sua fama de perverso atrai para a família a raiva da população que o chama de fariseu, por estar na igreja no domingo, rezando de forma compenetrada e espancar de forma tão cruel seus negros.

- Olha, Tomás, este teu genro sabe onde tem as vendas. O diabo era ele não tomar gosto pelo engenho. O que seria do Santa Fé sem ele, que lhe dera nome, que o criara do nada? E começou o capitão Tomás a sofrer pelo futuro do Santa Fé. Ele sabia o que era uma propriedade sem senhor de fibra tomando conta de tudo. O que fariam os negros com um banana na casa grande, ouvindo piano, lendo jornais e tratando da barba? (REGO, 2008 p.229).

A arrogância era um traço forte, na personalidade do genro do capitão Tomás, era homem na cidade, cheio de finuras, de certa forma dava orgulho no velho senhor de engenho; uma filha educada, que tocava piano e falava francês, um genro que vindo da capital circulava entre os grandes da terra sem nada dever-lhes causando admiração. Todas essas coisas contribuíam para aumentar o prestígio do Santa Fé, um engenho que viera do nada e nas suas mãos prosperava.

Passado o encanto do primeiro momento, o capitão Tomás percebe que o genro letrado não tem pulso firme, para o trato com negros, feitores e tudo o mais que pertencia aquele mundo rural, começa a sentir uma terrível angústia, nas mãos do genro prevê a ruína do seu engenho. Ele que acreditando ter casado a família arranjara um administrador para as terras e um protetor para família. Era Lyla quem no futuro tomaria seu lugar e cuidaria do engenho; mas como seria se o genro não demonstrava interesse? E aquilo que o fascinava no genro, que ele exaltava como qualidade, passa a ser seu maior defeito. Lula é letrado, dado as finuras da cidade e, portanto, não seria capaz de cuidar do Santa Fé.

- Deixa, Amélia, que eu dou banho na criança:

Era para ela. Voltou para a cozinha onde as negras ainda trabalhavam. Germana sentira a dor que cortava o coração de sua senhora: - Sinhá, esta sentindo alguma coisa? E ela, como pobre infeliz caiu nos braços de sua negra para chorar. (Lins do Rego, 2008 p 246)

O comportamento do genro do capitão Tomás tinha certas particularidades que chamavam a atenção de todos por não condizer com o que se esperava de um homem na época. O apego exagerado a filha, que disputa com todos até mesmo com a mãe os cuidados

com a criança assumindo tarefas típicas de mulher com os cuidados com as crianças. A velha sinhá sua sogra se vê atormentada pela falta de interesse do genro pelo engenho, e teme pelo futuro da propriedade, quem tomaria as rédeas do trabalho? Ainda a afasta da neta Neném, a sua filha e passiva diante das atitudes do marido que destrata sua mãe. Sozinha preocupada, cada vez mais isolada dentro da família é nos braços das negras que a velha senhora do Santa Fé busca consolo. Essa relação com os negros da casa com uma dose exagerada de afeto, não é de causar surpresas. As amas por exemplo, que amamentavam os filhos da sinhás, as negras da cozinha estas tinham uma relação mais estreita com sua senhora. Os episódios que narram a morte do capitão Tomás e sua esposa dona Mariquinha, são o ponto de partida para o declínio do Santa Fé, o engenho agora passa ao comando do Coronel Lula, que passa a demonstrar características que destoam dos outros senhores: não se envolve na política local, das amostras de fanatismo religioso obrigando todos do engenho a rezar durante horas, revela sem pudor um alto grau do sadismo e evidente seu prazer em castigar de modo excessivo e sem motivo que justifique os escravos.

Dona Amélia sua mulher, passiva diante dos desmandos do marido e das súplicas de intercessão da senhora em favor dos negros, vê sua família que era admirada, passar a temida, o falatório do povo que aumenta histórias, sobre o engenho que tem um senhor que maltrata negro por gosto. Quando veio a abolição, todos os negros do engenho Santa Rosa ficaram no seu até as negras da cozinha foram embora.

Quem poderia casar-se com neném? O capitão começara a medir os rapazes da terra, os homens da várzea que tivessem qualidades para um esposo na altura da filha. Não vinha nenhum [...] não casaria sua filha com gente da bagaceira (REGO, 2008 p.259).

O coronel Lula, vive agora o mesmo drama vivido pelo sogro, achar um rapaz a altura da educação da filha. Esse pretendente na opinião do coronel tinha que ter qualidades semelhantes as suas, tendência para a vida urbana, gosto manifestado pelo requinte, não que apenas tivesse diploma, pois isso muitos dos filhos dos senhores vizinhos tinham e não estavam qualificados para marido da filha.

Outro ponto que diferenciava do sogro era, que o interesse do futuro genro pela terra não era preocupação, e assim iam passando os anos, e a inquietação dele só aumenta, porque não conseguia casar a filha, que era bonita, educada e mesmo assim permanecia solteira. Casar as filhas na sociedade patriarcal era uma preocupação constante dos senhores, em um

mundo onde o papel das mulheres parecia já estar definido e imutável, o casamento e a maternidade eram realizações máximas e funções pré determinadas que nenhuma mulher ajuizada deveria furtar-se. Ter uma filha que passou da idade de casar ou como diziam na época solteirona ou no caritó era motivo de comentário da vizinhança e vergonha para a família. Entre famílias ricas então a situação era levada ao extremo já que o dinheiro da família deveria ser atributo suficiente para encorajar qualquer pretendente. No caso de Neném, a filha do coronel Lula, o declínio financeiro da família era algo que não ajudava muito, mesmo sendo fina, educada e de temperamento passivo, não encontrava um marido, porque o pai não achava méritos em nenhum dos pretendentes: eram todos camumbembes, gente da bagaceira, indignos de sua filha. E sendo uma moça de trinta anos que não casava, Neném passava a maior parte do tempo cuidando do jardim, com medo das reações intempestivas do pai, vendo a vida passar naquele mundo feio, triste e decadente do engenho Santa Fé.

Seu Lula já estava velho, Dona Amélia era aquela criatura sumida, mas sempre com seu ar de dona, Neném uma moça que não casava, D. Olivia falando sempre as mesmas coisas. Esta era a casa grande do Santa Fé. A carruagem rompia as estradas com o povo mais triste da várzea indo para a mesa do pilar para as novenas arrastada por cavalos que não que não eram mais nem a sombra dos dois ruços do Capitão Tomás.

A barba de seu Lula, era toda branca, e as safras de açúcar e algodão minguavam de ano para ano.

As várzeas cobriam-se de grama, de mata-pasto, os altos cresciam em capoeira [...] Tudo passava. Na casa de purgar ficavam os cinquenta pães de açúcar, ali onde, mais de uma vez Capitão Tomás guardara os seus dois mil pães em caixões, em formas, nas tulhas de mascavo seco ao sol. (REGO, 2008, p 280 – 281).

À medida que o tempo vai passando o desajuste sofrido pela família reflete na prosperidade do engenho. Tudo vai definhando, dona Amélia que outrora era fina, delicada, sendo comparada a uma fada quando tocava piano pelas negras era agora uma criatura triste, envolta nos afazeres da casa, preocupada em manter o engenho funcionando às vezes faz coisas escondida do marido para que este não se sentisse humilhado diante dos vizinhos. Uma vez que dá ordens, pensar em como conseguir recursos para solucionar os problemas financeiros, preocupações que não caberiam, pois eram típicos do papel masculino.

A família vive isolada, pelo orgulho do Coronel do Lula, que julga toda a gente do lugar como inferior, pela dor individual; da mãe dona Amélia, que tem uma filha distante diferente das outras cuidando do jardim, quase sempre cercada pelo silêncio e a maior dor de todos é vê a cada ano ter que enfrentar novas dificuldades e vê a produção cada vez menor.

O passado suntuoso do Santa Fé, sua glória, opulência são agora apenas lembranças, na memória de todos que relembram saudosos o comando firme do capitão Tomás que fazia o pequeno engenho render mais que outros maiores. A filha Amélia a quem mais sofre vê a situação do engenho, porque em parte tem certeza que se o marido fosse com o seu pai, que tivesse amor a terra e o trabalho, o engenho Santa Fé ainda seria o mesmo.

E foram-se assim os anos. Seu Lula era agora o capitão Lula de Holanda. Os negros da Santa Fé minguavam. Nicolau fora vendido, dois haviam morrido de febres. E a bexiga da peste que passara pelo pilar como um vento da desgraça arrancara cinco negros da fábrica do Santa Fé (REGO, 2008, p.248)

À medida que a narrativa avança, fica cada vez mais claro a decadência do engenho Santa Fé, que a cada ano vai se deteriorando, seja pela falta de pulso do senhor, ou fatores externos a sua vontade como a bexiga da peste que mata seus escravos, representando prejuízo. A viúva do capitão Tomaz agora relembra os tempos de felicidade do engenho sob o comando de seu marido e vai num lento processo psicológico se deteriorando com suas angústias e lutas diárias, pois subvertendo a ordem social estabelecida naquele mundo patriarcal é ela quem dá as ordens, assumindo assim o papel que caberia ao genro mais este não tem habilidades necessárias à função.

O orgulho do genro é ferido, já que socialmente se espera dela, as decisões e o empenho tomados por ela para manter o engenho funcionando e evitar que chegue a ficar de fogo morto. O conflito dos papéis masculinos e femininos socialmente estabelecidos e apenas uma das varias temáticas exploradas no romance os portugueses tentaram escravizar.

### **CAPITULO III**

#### **O MUNDO AÇUCAREIRO NA PERSPECTIVA LITERÁRIA**

A proposta apresentada neste capítulo é trabalhar a interdisciplinaridade na sala de aula entre História e Literatura, a partir das obras de José Lins do Rego que falam sobre o tema da sociedade dos engenhos no Nordeste brasileiro. Sabemos que a interdisciplinaridade permite diálogos entre várias disciplinas, a exemplo de História e Geografia; História e Sociologia, História e Economia. Na escolha do tema deste capítulo, a Literatura auxiliará as aulas de História na educação básica, no ensino fundamental II, levando os estudantes a compreender temas relacionados ao Nordeste açucareiro, nas obras de Lins do Rego, principalmente as que tratam do ciclo açucareiro como: menino de engenho, fogo morto, banguê e usina, obras que trazem em suas narrativas o apogeu e o declínio, e por fim, as transformações econômicas e sociais que esse mundo do açúcar sofreu.

#### **3.1- Na escrita literária as entrelinhas de nossa história**

O uso dessas obras literárias além de incentivar o hábito da leitura que tanta falta faz aos nossos alunos, ainda permitirá um contato através das obras citadas com um escritor regional, o que de certa forma facilita o diálogo por ser um remanescente da sociedade sobre a qual escreve. A Literatura tem o poder de seduzir através da narrativa, ao entrar em contato com a obra e nos envolvermos, passamos a vivenciar a história pelos dramas e conflitos das personagens.

Nesse ponto entra a figura do professor, que fará a ponte entre História e ficção. O saber engessado do livro didático, não permite que os alunos se interessem pelos temas estudados que sempre parecem distante. A Literatura permite essa aproximação, porque nos conta histórias de pessoas e gera no aluno identificação, provoca uma curiosidade, vontade de saber o final da história e dessa forma os alunos vão aprendendo sem dificuldade. Além de induzir a leitura, o uso de obras literárias nas aulas de História permitirão ao aluno outras formas de aprender sobre as transformações que fizeram nosso processo histórico, sejam elas, econômicas, sociais ou culturais. Essas mudanças também estão registradas em páginas de romance que nos darão através da narrativa do escritor o seu olhar social da época vivida.

No desempenho desse trabalho cabe ao professor a escolha e conhecimento das obras indicadas como suporte às aulas, a proposta é que ao ler essas obras o aluno seja capaz de comparar informações científicas e ficcionais e com a ajuda do professor seja capaz de

compreender as relações sociais, políticas e econômicas que formavam os dramas e tramas do momento estudado. As discussões em sala orientadas pelo professor devem promover no grupo após leitura da obra indicada, a compreensão das entrelinhas, o aluno deve identificar através dos conflitos vividos pelas personagens, micro histórias da História. Os pequenos dramas pessoais que formam o grande drama coletivo.

O texto literário, portanto, possibilita ao historiador que necessariamente, deve ter um olhar atento e diferenciado a perspectiva de resgatar uma determinada realidade que se torna visível à medida que a narrativa histórica assume uma forma inteligível. (BERUTTI; MARQUE 2009, p. 117).

O olhar do historiador sobre o texto literário deve ser sempre muito atento, pois mesmo a literatura auxiliando o estudo de temas direcionados, não devemos esquecer que esse estudo não deve ser totalmente desprovido de caráter científico. As obras indicadas não poderão ser lidas de forma, e compreendidas tão somente em termos ficcionais, mas com a ajuda do professor esse aluno poderá a partir dos apontamentos feitos por ele e do conhecimento científico adquirido nas aulas, ser apto a fazer pontes ente os científicismo do livro didático e as novas informações contextualizadas da obra literária. Diante de um saber científico e com status de “verdade” que ao mesmo tempo atinge os alunos com sua fragmentação, a proposta do uso da Literatura nas aulas de História permitirá uma ampliação do conhecimento, um diálogo entre as várias ciências que compõem o currículo escolar.

Outra vantagem do uso dessas obras é uma aproximação do senso comum, com o conhecimento acadêmico que muitas vezes não desperta o interesse do aluno, pois ele não se reconhece nesse saber do livro didático. A Literatura por abordar o lado humano, desperta interesse porque a história das personagens poderia ser a nossa. No entanto, no sistema educacional o que é válido é tudo que foi pensado, pesquisado e escrito com respaldo científico, o que não impede o professor de buscar meios que o auxiliem na transmissão de seus conteúdos e sejam também atraentes ao aluno enquanto instrumento de aprendizagem.

O livro literário, por ser ficcional, permite que haja maior interação entre o aluno e a história, pois, o bom livro (um clássico, por exemplo) não enuncia uma verdade pronta, acabada, importa, ele instiga o leitor / estudante a buscar nele as respostas que procura (POLIDORE, 2011, p.12).

A fala de Beatriz Polidore, em seu artigo: *História e Literatura: questões interdisciplinares* a respeito do que seja um bom livro, vem de encontro à proposta deste trabalho de usar obras literárias, no caso os romances regionalistas de José Lins do Rego para facilitar o entendimento do aluno, acerca do ciclo açucareiro no Nordeste. Podemos passar várias aulas falando sobre esse ciclo, o tipo de sociedade que surgiu a partir dele, as relações de poder, a estrutura econômica, a condição feminina, modelo de educação entre homem e mulher, religiosidade, o misticismo, a geografia do espaço do engenho, mas se essa fala vier de modo científico não conseguiremos despertar o interesse e a curiosidade do aluno, simplesmente porque ele não vai se identificar nem com a escrita do livro nem com o discurso acadêmico do professor. A Leitura especificamente de romances, nesse caso dos regionais promove identificação, uma espécie de contato íntimo com o drama do personagem. Daí uma vez apresentados as personagens e seus respectivos dramas são impelidos a continuar buscando respostas para os problemas que vão surgindo, ou seja, queremos continuar a leitura para saber a resposta ou o final do drama vivido pela personagem.

No “fazer” literário, como no artístico em geral, entram em jogo as mais diversas forças a atuarem sobre o autor, pois, embora este “fazer” seja sempre um evento singular e estritamente individual, ele é produto de um criador, sobre o qual atuam também os elementos de toda a cultura, e até mesmo as condições externas da época, pelo que o coletivo também entra em funcionamento. (GONÇALVES; BELLODI, 2005 P.110)

Ao escrever uma obra, o autor acaba por colocar nela um pouco de si, e a palavra imparcialidade já não se aplica a ele. Não podemos esquecer que a Literatura é escrita a partir de uma época e sociedade com marcas, costumes e suas mais simples e também complexas situações do cotidiano. O autor vive e escreve sobre acontecimentos de sua época, logo seu olhar pode até ser crítico, porém, sua escrita está marcada dos sentimentos desse autor em relação ao que ele vê e sente. Em *Fogo Morto*, percebemos esses sentimentos e saudosismos vividos pelo autor e que foram emprestados aos personagens. Toda a obra de Lins do Rego tem traços fortes de: ora de memórias, ora de saudade, das dúvidas e inquietações de quem assistia a morte de uma sociedade que vinha desfalecendo aos poucos, resistindo ainda que inutilmente as transformações que simbolizava o progresso e o futuro, e o nascimento de uma sociedade que nos moldes capitalistas representava evolução. No que se refere ao lugar social do autor, podemos dizer que José Lins era um remanescente da sociedade sobre a qual escrevia a sociedade açucareira.

E é esse mundo que traz suas obras, mas visto de dentro e de forma agigantada. Em Fogo Morto o tema principal é a decadência dos engenhos, da perda do poder dos chefes locais, e o surgimento de novas forças de mando, ali começam a abrirem-se frestas nesse mundo fechado em si. Essa decadência é principalmente percebida pelo lado psicológico dos personagens e seus conflitos que vão desencadear em conflitos maiores, e um drama pessoal que parte para o coletivo. O entendimento de temas relacionados ao ciclo do açúcar, vistos sob ótica da Literatura que permite ao leitor, usar sua sensibilidade e seus conhecimentos dos problemas vividos pelos personagens, longe da razão da ciência nos permite ser simplesmente humanos, e viver e sofrer com os personagens todas as alegrias e mazelas as quais estão expostas nossa espécie.

Embora a narrativa em História não possa jamais ter a liberdade de uma criação de uma narrativa ficcional. Ela nunca poderá se distanciar do fato de que é narrativa e, portanto, guardar uma relação de proximidade com o artístico quando recorta seus objetos e constrói em torno deles uma intriga. (ALBUQUERQUE, 2007, p.63).

### **3.2- Razão e emoção: componentes de aprendizagem**

A narrativa histórica se apoia na racionalidade, e a história enquanto ciência se sustenta pela observação dos fatos e na experiência. Dessa forma, o cientista não pode expressar opiniões e sentimentos em relação ao trabalho.

Durante muito tempo a narrativa histórica consistiu em “grandes feitos de grandes homens,” sem analisar ou refletir, nem sobre os homens nem sobre os fatos.

A racionalidade não cabia a especulação, o imaginar, o questionar, o querer saber em que condições viviam os grandes homens, e o que foi acontecendo lentamente que gerou o grande fato, era papel da literatura. E ela não recebia grande crédito, uma vez que não era considerada ciência, estava fora do mundo racional, não tinha o saber adjetivo do cientificismo. A literatura ganha respaldo com a Escola dos Annales e suas propostas inovadoras de integrar as diversas áreas do saber. E quando surgiu como proposta inovadora de ampliação, a interdisciplinaridade foi a ponte que uniu diversas áreas do saber, possibilitando um estudo como no caso da cooperação entre história e literatura, o estudo do fato histórico a partir da perspectiva sociológica oferecida pela literatura, que através de seus personagens e conflito nos oferece um recorte da época sobre a qual trata a obra.

Tanto História como Literatura tem em comum a imaginação – narrativa e ficção, porque ao escrever sobre determinado período não se leva em consideração somente fatos reais, por isso, para contar o que aconteceu usa-se a imaginação, a narrativa. Segundo Paul Ricoeur: “A ficção é quase história, assim como a história é quase ficção”. (PESAVENTO, 2005, p. 54). A Literatura por está mais associada às artes poderiam ser livre de críticas, de compromisso com as verdades absoluta, as duas no entanto, tem a mesma essência, narrativa, imaginação e ficção são um ato poético. A pertinência social que tem uma obra literária, se da pela aceitabilidade do público, por isso ela faz sonhar, diverte, não tem obrigação de citar documento, e o mais importante é que esse público se reconheça na história, que sonhe.

Nada mais importante para chamar atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, por que um dia vem à reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que efetua a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-lo de um lado nem de outro. (CANDIDO 2008, p.13)

Sobre verdades imutáveis ou questionáveis também nos permite refletir o estudo e o uso da Literatura como suporte as aulas de História. O saber do livro por ser científico é validado academicamente tendo sempre mais valor que o saber literário, uma vez que esse pode sempre ser questionado por ser ficção. No entanto, se levarmos em consideração que a ideia é usar os dois estilos como forma de complementação, haverá um equilíbrio e ainda teremos a mediação do professor na orientação desse aprendizado através da literatura que servirá para ampliar os conteúdos de História através de suas obras, que escolhidas de acordo com o tema a que darão suporte, contribuirão de forma significativa para que o aluno tenha conhecimento de temas sociais, comportamento, modo de pensar, o papel de cada indivíduo desenvolvia na sociedade da época e que são tão importantes para elucidar aspectos que a História traz de modo geral e a literatura esmiúça nas linhas de sua trama. Além de induzir a leitura, o uso de obras literárias nas aulas de história, permitirão ao aluno outras forma de conhecimento, com outros modos de vê acontecimentos importantes que marcam nossa história e são ricamente narrados em páginas de romance que nos darão através da narrativa do escritor, seu olhar social sobre a época que viveu e sobre a qual escreve. No desempenho desse trabalho cabe ao professor a escolha e conhecimento prévio das obras indicadas como suporte às aulas, a proposta é que ao ler essas obras o aluno seja capaz de comparar informações científicas e ficcionais que abordam aspectos políticos sociais e econômicos que formavam os dramas e tramas do momento estudado. As discussões em sala orientadas pelo

professor devem promover no grupo após leitura da obra indicada a identificação com a história vivida através das personagens, a história trazida nos livros nos parece distante, ela aconteceu, mas nós não poderíamos ter participado, pois essa ainda pertence aos grandes, a História dos pequenos abordada pela vertente literária nos aproxima porque o que ela nos conta são coisas do cotidiano, do homem comum que sem perceber também escreve a História.

Talvez a diferença entre história e literatura seja mesmo uma questão de gênero a literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva. A história masculinamente escavaria os mistérios do mundo exterior, iria para a rua vê o que se passa. (ALBUQUERQUE 2007 p.49).

A história com seu status de ciência, assume ares de carrancuda seriedade, a literatura identificada com a sensibilidade, conta esses fatos de forma suave promovendo identificação com a história através de situações do cotidiano vivida por personagens que inspirados em tipos do cotidiano nos aproxima do humano com suas dores, seus amores, rancores, dúvidas, medos, inquietações. Personagens que nos permitem através de imagens construídas em nossas mentes aprender de uma forma prazerosa sobre a diversidade sócio cultural que compôs determinada época da história.

Em *Fogo Morto*, assim como em outras obras de José Lins cuja temática é o mundo do açúcar, a riqueza tanto da narrativa, quanto o aspecto psicológico dos personagens nos levam a um interesse gerado pela identificação com as dores que nos fazem humana. Na obra *Fogo Morto*, acompanhamos o desenrolar de três dramas, três conflitos, que vivem os personagens cujos nomes intitulam os três capítulos dos livros: O mestre José Amaro, o engenho de seu Lula e o capitão Vitorino. Estes capítulos trazem seu personagem central, contudo, sua história só se completa a partir da existência dos secundários, também carregados de significados que nem sempre estão expressos na fala e sim nas situações por vividas eles. O mestre José Amaro por exemplo: vivia o drama de ser expulso pelo senhor de engenho, o coronel Lula, de sua terra, de sua casa, uma terra que oficialmente não pertencia a ele pois nunca pagou por ela, ali viveu seu pai, ele cresceu naquele lugar: tinha por ele apego, afeto, suas lembranças, e memórias afetivas estavam ali. A passagem dessa mudança forçada, porque fez algo que desagradou o coronel, nos serve para ilustrar o tipo de relação do homem livre, com o trabalho, o espaço geográfico e como eram frágeis as duas primeiras, pois, estavam submetidas à vontade do verdadeiro dono da terra: o coronel que mandava em tudo e em todos, ele era a figura que representava o poder, bastando apenas aborrecê-lo para ter a

vida desorganizada, e sair vagando a procura de outro engenho, nova moradia, outro senhor, nova proteção naquilo que temos de mais belo e feio. No primeiro capítulo o mestre José Amaro, e sua família representam uma camada social, a dos trabalhadores livres, mas que tem com o engenho forte laço afetivo construído por gerações, chegando a sentir como sua a terra que habitam.

O orgulho é ferido quando é expulso da terra pelo seu senhor: o coronel Lula de Holanda, considerado lunático por ser extremamente religioso e ao mesmo tempo dono de sadismo exagerado. O núcleo familiar do mestre José Amaro é um bom exemplo de que mesmo nas camadas mais simples o patriarcalismo era exercido de forma rígida. Em vários momentos do capítulo, aparece a fala dele, queixando-se de não ter tido um filho, a quem ensinasse o seu ofício e fazia referência à filha Marta, tida como louca, ou nas palavras do Mestre “uma criatura estranha, uma moça de trinta anos que não casava”. Sua esposa, a velha sinhá em seu lugar de mulher submissa dividia-se entre cuidar da filha e do marido ríspido, carrancudo, sempre com palavras de ofensas na boca. Podemos a partir desses trechos, discutir com nossos alunos a constituição da sociedade patriarcal, o papel masculino como o protetor e provedor, a submissão da mulher dentro da instituição casamento.

O casamento, ou melhor, a falta dele é um elo comum na trama vivida pelo personagem do primeiro capítulo, quanto do segundo. Tanto a filha do mestre soleiro quanto a do coronel Lula não casaram e isso constituía para ambos, motivo de preocupação. Ainda no primeiro capítulo podemos vislumbrar o drama de José Amaro, as relações com a terra, a importância de quem tinha o apego de quem nelas morava, as formas de ocupação e uso dessas, os acordos, como do arrendamento e o pagamento de foro. Combinações feitas entre patrão e empregados, que muito mais que o valor da palavra empenhada, considerava-se a vontade do patrão. O mestre José Amaro, não pagava foro, pois seu pai, nunca tinha pago ao velho coronel Tomás.

Quantos aspectos sociais e econômicos podemos explorar em sala de aula, a partir da leitura orientada de obras literárias, como são variadas as possibilidades que permeiam esse universo literário que num abraço fraterno, confraterniza-se com a história, que proporciona a alunos e professores, um prazeroso encontro com as nuances de verdades históricas e o subjetivismo humano encontrado nas linhas e entrelinhas das tramas literárias.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao concluirmos essa pesquisa, que busca contribuir para que o ensino de história se torne mais agradável, desconstruindo a ideia de que as aulas de história são enfadonhas e por isso não despertam a atenção dos alunos e propondo o uso da Literatura, para este fim, percebemos que a proposta se adapta ao cotidiano escolar e ainda contribui para a prática constante do hábito da leitura.

Muitos de nossos alunos/as, quer sejam do ensino fundamental ou médio apresentam enorme dificuldade na compreensão daquilo que leem, e isso se reflete não só no aprendizado de história, mas também de outras disciplinas tanto da área de ciências exatas, quanto de humanas.

Quando propomos o uso de obras literárias e autores regionais para complementação do aprendizado de História sobre o ciclo açucareiro, estamos levando ao conhecimento do aluno muito mais que a explicação do fato histórico focada no lado econômico. Levamos com o enredo das obras, o lado social, político e religioso, através dos dramas pessoais que compõem a trama dos romances. Exemplo disso é a obra usada para o desenvolvimento desta pesquisa: Fogo Morto de José Lins do Rego, o conhecimento científico seria melhor aproveitado, se ao passá-lo a seus alunos os professores/as fizessem uma ponte entre a ficção literária e o saber “inquestionável” dos livros didáticos, porque se o saber dos livros é o que nos liga ao sistema educacional, o saber literário é o que nos identifica com as subjetividades que nos tornam humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Junior; MUNIZ, Durval de. **História: A arte de inventar o passado. Ensaios da Teoria da História.** Bauru, SP. Edusc,2007, p.256.

BARROS, José D'Assunção. **Geografia e Historia: uma Interdisciplinaridade mediada pelo espaço.** Disponível em: <http://www.uel.br/revista/uel/index.php/geografia/article/viewFile/4627/6839>. Acesso 20 de jun 2014.

BERUTTI, Flavio. Ensinar e Aprender História; MARQUES, Adhemar. Belo Horizonte: RHJ, 2009, p.188.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos da Teoria e Historia Literária.** 10ª. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008, p.204.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: Aspectos da influência da Cana sobre a Vida e a paisagem no Nordeste do Brasil.** 7ed. Rev. São Paulo: Global, 2004.

GONÇALVES, Maria MagalyTrindade; BELLODI, Zina C.**Teoria da Literatura “Revistada”.**Petrópolis ,RJ : Vozes , 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Historia e Historia Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica,2005.

POLIDORE, Beatriz, **Historia e Literatura: Questões Interdisciplinares.** Núcleo de Documentação Histórica. Disponível em<[http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/hr/hr\\_09/historia\\_em\\_revista\\_09\\_beatriz\\_zechlinski.html](http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/hr/hr_09/historia_em_revista_09_beatriz_zechlinski.html) Acesso em: 18 jun 2014

PRADO, Junior, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo :Colônia.**São Paulo:Brasiliense, 2008.

REGO, José Lins do. *et al* **Fogo Morto. Estudo de Otto Maria Carpeaux.** 67ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2008.

SOUSA , Euri Bandeira de. **Engenhos e personagens da mega - narrativa Lins do Rego.** Campina Grande: Bagagem,2011.